

INCONVENIÊNCIA

HÁ TRÊS HORAS ele dorme um sono ininterrupto. Pela primeira vez, ele dorme três horas seguidas. Pensei que fosse conseguir dormir com ele, compartilhar o descanso do seu rosto tranquilo, da sua respiração quase imperceptível. Entretanto, sinto que ele não quer dormir, que não admite render-se incondicionalmente ao descanso; percebo que lhe affige o medo, a angústia em se afastar do meu colo, do meu seio. Ao me sugar, sua voracidade me amedronta; parece querer me devorar, me incluir dentro de si e unir-se a mim numa só matéria, numa só carne. Os comentários da casa orbitam em torno do choro, da falta de sono, da inquietude extrema que assola o ambiente, que desarmoniza a rotina, que perturba a sacrossanta paz noturna e o sono dos justos. Minha sogra, à qual devo ser grata por nos ceder um quarto de seu lar nada modesto, murmura reiteradamente ao longo do dia: “Meu Deus, isso não é normal! Não é normal!”. Essa e outras lamúrias chorosas ecoam no meu ouvido de tal forma e com tal intensidade que, desde o parto, precisei abdicar da natural ânsia por aquilo que se chama tranquilidade. Esse e outros prazeres simples da vida se afastaram de mim por completo, desde o início do processo. Prefiro pensar que as coisas tenham ocorrido dessa forma; assim, amenizo a culpa que trago comigo. Dilaceram-me certas ideias que eu não qualificaria

fixas, mas cuja frequência ultrapassa o desejado, ou melhor dizendo, o suportável. Elas insinuam, cogitam a possibilidade de que ele tenha percebido, de que, através do cordão umbilical, algo além da corrente nutritiva se difundiu e ele tenha provado o sabor amargo da inconveniência. Antes de mais nada, peço perdão a Deus por essa revelação escrita, peço perdão por essa necessidade de contar a decepção que me invadiu, a raiva escondida por aquelas lágrimas quentes que manchavam meu rosto. Não chorei de tristeza, tampouco de medo, mas de ódio, um ódio atroz. Repudiei meu filho e junto com ele todas as sábias palavras que chegavam aos meus ouvidos. Elas tentavam reiteradamente me trazer o consolo de que qualquer gravidez é uma dádiva, uma benção, de que qualquer tipo de rejeição é algo feio, maligno. Impaciente, eu demandava silêncio, desejava a cama nua do meu quarto frio, a porta fechada e a janela aberta para que eu pudesse ver o céu e nele fugir de mim mesma, do meu filho e das bocas palpiteiras. Naqueles momentos, era necessário me imiscuir no branco opaco das nuvens e vagar ao sabor do vento; olhar o mundo de cima para poder rir da tragédia patética que eu protagonizava. Agora, vivendo essas horas angustiantes enquanto ele dorme, acorrem-me espasmos de tolerância, de mansidão, quando penso nas minhas fraquezas, nas minhas reações intempestivas. Não consegui desenvolver o menor traço de pensamento ao me deparar com a rejeição, ao me dar conta do rompimento definitivo e, assim, restou-me correr ao encontro de outros braços, a fim de aplacar a martírio da solidão, da humilhação; corri para mostrar a mim mesma que alguém, embora indesejado, me desejava. Fiz-me então um objeto de vingança e de prazer. Busquei

uma auto-satisfação que preencheu temporariamente aquele vazio infinito, hoje ainda presente e que nunca me foi estranho; vazio que nesta noite solitária drena meu espírito. Nesse estado, escuto vozes estranhas sussurrando frases sem sentido, acusando-me de algo absurdo, incompreensível, mas que trazem uma espécie turva de clarividência, uma débil translucidez que revela meu excesso, minha falta de zelo e suas consequências. Dessa consciência desconcertante, surge um arrependimento que me arrasta em direção à vontade dilacerante de praticar uma indisciplinada sinceridade; algo atípico em uma filha bem comportada como eu. Confesso que resisti a tal indisciplinada sinceridade, mas vi que não seria bem sucedida se continuasse tentando fixar a ideia de que tudo estava bem, de que ninguém perceberia coisa alguma e todas as complicações pelas quais passamos, eu e meu filho, eram obra do destino, faziam parte das pequenas fatalidades próprias da vida. Não são assim, não me vêm dessa forma as imagens do parto, as dificuldades, o instrumento que utilizaram para retirar o menino: como aceitar resignadamente tudo isso? Como poderia ser normal um parto cuja gravidez sempre esteve longe do equilíbrio? Pode alguém querer desprender-se de seu abrigo, sem o uso da força bruta, para lançar-se num ambiente que o repudia? Ao ver o fórceps flutuando em minha direção, perdi a noção do que estava à minha volta e resolvi ceder à inconsciência. Quando acordei, olhei para os lados e não o encontrei; gritei por ele, perguntei onde estava, o que tinha acontecido, mas só me davam respostas evasivas. Lembrei-me do instrumento que me fez perder os sentidos e, chorando convulsivamente, odiei cada um deles: “Vocês puxaram forte demais! Forte demais!”, eu

repetia para cada um dos rostos pálidos que meus olhos fitavam. Naquele momento, senti um prazer imenso em provocar, junto com meu filho, toda aquela consternação, em ver, a cada xingamento, a cada impropério que eu proferia, o constrangimento estampado naquelas expressões assustadas. Após me amarrarem à cama, a cronologia dos eventos não me ocorre agora como um contínuo, mas entrecortada por imagens estáticas e sem vida. Talvez tenham me aplicado alguma espécie de sedativo para que o encontro com meu filho ocorresse dentro da mais perfeita normalidade; um encontro estéril, porém calmo. Hoje, percebo que foi melhor assim, foi melhor não reagir, em plena consciência, à triste figura que me foi colocada nos braços: ele estava com os ombros contundidos, tinha o pescoço ferido, a cabeça devidamente forjada pelo molde do fórceps e um choro constante. Desde então, seu silêncio significa meus seios. Quando não está atado a eles, abdica radicalmente do sono, rejeita colos estranhos e grita. Sei que ele está apenas reagindo, que não faz por mal, que não deseja me torturar, mas a situação que me encontro, o estado perene de sono e letargia que me degradam há quarenta longos dias tornam inevitáveis o arrependimento, a impaciência, a revolta, o ódio e tudo o mais de destrutivo, de maléfico. Penso em fugir, em abandoná-lo aos cuidados de alguém menos volúvel, alguém com maior sensatez, mas um espécie de orgulho me freia, um estranho senso de dever me impede sair por aquela porta, logo ali à minha frente, para a qual olho agora fixamente. A chave está na fechadura, basta girá-la no sentido anti-horário, baixar a maçaneta, atravessar a abertura emoldurada pelo portal, fechar a porta vagorosamente e não olhar

para trás. Não é a primeira vez que esses pesamentos sórdidos passeiam pela minha cabeça, que me aliviam a angústia de momentos como esse, quando me sinto impotente, quando me vejo conduzida pelo destino. O máximo que consigo fazer é esperar e, enquanto espero, distribuo nessas folhas sem pauta palavras desordenadas em frases pobres e desconexas. O cansaço que me aflige impede qualquer tentativa de profundidade; ademais, percebo que não quero ser elegante: eu não preciso de estilo para dizer que meu filho dorme um sono induzido. Estou escrevendo para passar o tempo, para poder espantar os fantasmas da noite; esses espectros que não prenunciam nada além de morte. Mas ninguém vai morrer. Ele não vai morrer. Esse Neozine só está fazendo ele dormir, está concedendo a ele o descanso que ainda não aprendeu a desfrutar sozinho, autônomo, desvencilhado de mim. Dei o remédio porque era preciso: fiz isso por ele e também por mim, principalmente por mim. O doutor falou que ele vai dormir a noite toda, ou melhor, que o normal, o esperado é que ele durma a noite toda. Perguntei a ele que remédio era aquele e ele respondeu: “Remédio para dormir. A sua mãe vai dizer pra não dar, a sua sogra vai dizer pra não dar, mas, se você quiser descansar, vai ter que dar. Ouviu?”. Em casa, ao ler a bula, confesso que duvidei do médico, contestei a necessidade de se ministrar um antipsicótico para um bebê, um remédio para esquizofrênico, para doido varrido. Pressionada pela necessidade de paz e descanso, minha reticência não durou muito. Naquele mesma noite, pinguei as gotinhas prescritas e transcorreram cerca de quinze minutos até que ele pegasse no sono e ficasse lívido ou “frio como um defunto”, nas palavras do médico. Fiquei com

ele nos braços e acompanhei, durante toda a primeira hora, o ritmo da sua respiração. Quando a cor e a temperatura lhe retornaram, coloquei-o no berço e vaguei pelo quarto por mais meia hora. Deitei e tentei dormir, mas o desespero e um arroubo de responsabilidade impediram tal atrevimento. Mesmo assim, não consegui ficar no quarto e resolvi sair: estou sentada na sala, escrevendo. Devo dizer que estou mais tranquila e as pálpebras me pesam nos olhos: nesta noite inesquecível, creio que haja chance de um sono breve para essa minha mente conturbada. Haveria um silêncio sepulcral não fosse um ruído repetitivo que vêm tirando minha concentração há alguns minutos. A noite é inundada por esses ruídos estranhos, com os quais aprendi a conviver por conta da insônia compulsória. A porta do nosso quarto está fechada e não seria absurdo dizer que, dentre os barulhos que interrompem o silêncio, um deles fosse um choro abafado. Devo estar enlouquecendo por cogitar tal absurdo: o remédio foi feito para aquietar malucos que caminham sem destino pelas calçadas, que conversam sozinhos, que veem coisas, que escutam vozes. O diabo é que nada disso me convence, nada racional me convenceria agora. Preciso interromper aqui, preciso interromper para averiguar, mas estou em pânico... Vou levantar agora, tenho que levantar. Se não for ele, volto para apagar essa última frase